

## ENTREVISTA COM DONA CONCEIÇÃO DIA 01 DE JULHO DE 2004 EM SUA RESIDÊNCIA

(FATIMA) – Bom Dia, Dona Conceição, é eu gostaria que a senhora falasse inicialmente sua ligação com Mesquita, se a senhora nasceu aqui ou veio de algum outro lugar. Caso a senhora tenha vindo de um outro lugar, eu queria que a senhora falasse, contasse um pouquinho quais foram os motivos dessa mudança e a escolha por Mesquita. Quando isso aconteceu e como é que era Mesquita nessa época né? Algumas lembranças né do lugar, das atividades que existiam aqui né e até um pouquinho da comparação com os dias atuais.

(DONA CONCEIÇÃO) – Bom Dia Fátima. A minha história é como as demais. Eu morava numa cidade que não tinha emprego, não tinha como defender o pão de cada dia, então que é em Minas, nasci em Minas, me criei em Minas e já jovem vim pro Rio pra poder trabalhar. (Silêncio)

Origem  
mineira

(FATIMA) - E como é que a senhora veio aqui pra Mesquita, morar aqui em Mesquita, a senhora lembra?

(DONA CONCEIÇÃO) – Ah lembro sim, foi uma época bem difícil, mas, porém um grande sabor porque eu vim morar em Mesquita porque adquirimos aqui um terreno e esse terreno a gente tinha que fazer uma obra pra que a gente pudesse fugir do aluguel. A gente morava no vizinho de Nova Iguaçu, mas com aluguel. Em Mesquita, nós já viemos e fizemos a nossa, nossa residência e eu vim em 1958, e quando viemos que iniciamos aqui, nós éramos a terceira pessoa aqui da minha quadra. Não tinha ainda expansão de nada, não tinha água, não tinha luz, muita dificuldade, ainda tava recém o loteamento, ainda tava, os que aqui moravam ainda tavam lutando para ter alguma coisa de melhor.

Vinda  
p/  
Mesquita  
1958

(FATIMA) – E como é que era um pouco assim Mesquita, além daqui dessa parte de da onde a senhora mora?

(DONA CONCEIÇÃO) – Mesquita do nós temos dois lados, nós consideramos Mesquita e Nova Mesquita. O Mesquita já tinha seu desenvolvimento, mas bem, bem também difícil. Agora o Nova Mesquita que esse lado aqui aonde, aonde nós moramos, ele era bem, bem difícil, bem sem nada, conforme eu referi não tinha nada de melhoramento. Foi aí que se foi, foi aí que se foi então pensado

as poucas pessoas que moravam aqui através do meu marido, o Expedito, ele começou a se preocupar porque que Mesquita desse lado não tinha nada, a gente tem dificuldades com as autoridades, as poucas que queriam nos atender. Aí foi criado alguns movimentos. É Melhoramento, Amigos do Melhoramento do Bairro. E nesse movimento a gente pode se dizer que está engajado até hoje. Não com aquele aspecto de luta, aquele revivamento, mas ainda, ainda se, se procura manter.

**(FATIMA)** – Dona Conceição, então, eu queria que a senhora falasse um pouco das suas lembranças, como é que a senhora tomou conhecimento pela primeira vez do movimento de emancipação de Mesquita e eu gostaria que a senhora falasse um pouquinho sobre isso.

**(DONA CONCEIÇÃO)** – (Silêncio) Olha, nós tivemos a, nós tivemos um convite (silêncio) do, nós tivemos um convite de um amigo que ele sempre pensou e lutou pela, pra tentar melhorar, mas melhorar da seguinte forma: fazer a independência de Mesquita, quer dizer, através de uma cidade, e não de bairro. Então foi Santa Rita, que era um senhor lá da Chatuba, tivemos também (silêncio), tivemos também um senhor (silêncio), tivemos também um senhor que também que no momento, eu vou falar, no momento eu esqueci o nome, mas é quem começou, quem iniciou a emancipação de Mesquita. Eu acredito que até foi da seguinte forma: ele retornou a um processo que já existia, esse processo falavam na época nos encontros que a gente tinha, esses processos estavam engavetado, aonde ninguém sabia. Mas esse senhor com toda sua boa vontade, com toda sua liderança que na época ele era considerado um líder, ele , foi o senhor Hélio, agora me recordei o nome. É o senhor Hélio. Ele, ele nos convidou pra esse encontro, então era aquele encontro que tinha duas, três, quatro, seis pessoas o máximo, porque ninguém se interessava, ninguém tava querendo muito saber, ninguém tava achando que isso era possível. Todo mundo achava que a gente conversava é coisa impossível, esse pessoal pequeno tá querendo coisa muito grande. Então fomos reunindo, eu sou uma das pessoas que comecei a me reunir depois, que quem começou do princípio com o senhor Hélio essa reunião, e outras pessoas que no momento eu não tô me recordando o nome, foi o meu marido, o Expedito. Ele que transmitia, chegava em casa com aquela empolgação, transmitia pra mim, “vamos mulher porque não tem ninguém, não tem mulher lá, só tem homem e eu quero que você seja uma das mulheres a participar dessa luta” . E entusiasmada eu comecei a, eu comecei a freqüentar, mas era uma reunião que demorava muito, uma reunião que não tinha muito aonde espaço pra se reunir, tinha que ficar dependendo das residências, nem toda as residências tavam com

1  
Década  
de  
80

vontade de nos oferecer espaço, mas mesmo assim, foi reunido e o grupo foi crescendo, e o grupo foi melhorando, foi se expandindo e hoje chegou a emancipação.

**(FATIMA)** – A senhora teve alguma participação no plebiscito, a senhora lembra um pouco do plebiscito esse último de 95, que foi o plebiscito em que a gente conseguiu a emancipação né, só que depois de quatro anos né, porque foi em 99 né, teve o último plebiscito que o pessoal votou, mas é o tribunal, o tribunal não deu ganho de causa né porque disse que o quorum não tinha sido atingido. A senhora se lembra desse último plebiscito um pouco?

**(DONA CONCEIÇÃO)** – Me lembro, lembro sim e lembro com muita tristeza porque o povo de Mesquita ele aguardava ansioso pela vitória. Mas infelizmente eu até acompanhei, eu tava lá na porta do Tênis Clube e acreditando que ia ser satisfatória a vitória, mas após longo tempo se chegou a conclusão que não teve quorum.

**(FATIMA)** – E então, nesse, a senhora disse que foi uma grande tristeza porque, como é que ficou a cidade? A senhora percebeu isso nas pessoas que tavam participando?

**(CONCEIÇÃO)** – Percebi em todas as pessoas que ali tavam, tão, tavam presentes que alguma coisa não tão natural tinha acontecido, porque nós tínhamos certeza, nós acompanhamos todos os trabalhos e a gente tinha certeza que Mesquita queria ser independente. E no fim dos trabalhos a gente viu que as pessoas saíram desanimadas e não conseguiu. Eu por exemplo acompanhei, eu fiquei na Escola Estadual Brasil, assisti à eleição, eu fui uma das pessoas que fiquei acompanhando, eu e vários colegas, não só eu. Mas tinha, o povo de Mesquita tinha certeza que nós seríamos vencedores, mas no fim disseram que não obteve quorum.

**(FATIMA)** – A senhora participou do Comitê Pró-Emancipação, das reuniões do Comitê Pró-Emancipação? A senhora chegou a participar?

**(CONCEIÇÃO)** – Cheguei sim, porque algumas das reuniões eram feitas aqui no meu quintal, que se fazia assim: segunda numa casa, uma casa pra cada um, uma residência pra um dia da semana reunir, e as daqui de casa era às quinta-feira. Então nós reuníamos todos aqui, nós já tinha certeza que havia uma, uma grande avanço, quando veio o prefeito, o prefeito hoje, que na época não era, José Paixão, e disse que ele, a partir daquele momento, ele assumiria que ia defender Mesquita para

a emancipação. E teve um bom trabalho, teve um bom desempenho, porque ele chegou até nos levar a Brasília pra poder acompanhar como é que tava Brasília porque tinha muitos contras, inclusive prefeitos estavam contra. E fui acompanhar, eu, por exemplo, fui à Brasília, e vários do grupo foram à Brasília acompanhamos e graças a Deus conseguimos.

**(FATIMA)** – Essas idas à Brasília, a senhora podia descrever um pouquinho o que que vocês faziam lá, é isso mesmo, o que que vocês faziam lá nessas, nessas idas?

**(CONCEIÇÃO)** – Nós íamos para acompanhar e pra poder demonstrar pros ministros, pra demonstrar pros ministros, que Mesquita, é o povo de Mesquita que queria a emancipação, não era nenhum político que tava interessado. Era o povo que tava querendo a sua independência, queria se ver livre de Nova Iguaçu, porque Nova Iguaçu pelo entendimento dos moradores não tava retornando nada para Mesquita. (Silêncio).

**(FATIMA)** – É, isso aí a senhora falou um pouquinho da de Nova Iguaçu, é acho que você, a senhora pode no seu entendimento, como é que Nova Iguaçu se portou nesse processo? A senhora já falou um pouco né, por que que Mesquita queria se ver livre de Nova Iguaçu né? Quais eram as razões a no seu ver, de Mesquita querer se emancipar?

**(CONCEIÇÃO)** – (Silêncio) Porque acompanhando a entrega dos IPTU em Mesquita porque meu marido foi subprefeito de Mesquita e como sabe né, quem deve quer pagar, e se formava grandes filas do pessoal que, dos contribuintes que queria pagar o IPTU, então eu acompanhei várias vezes, várias semanas eu acompanhei o Seu Expedito e fui lá ajudar a entregar os IPTU. Então eu mesmo cheguei a conclusão que Mesquita era o distrito que mais dava impostos pagos à Nova Iguaçu. E aí a gente chegou a conclusão de que o que tava levando para Nova Iguaçu não retornava pra gente. Nada, não tinha benefício nenhum, não tinha grandes obras, não tinha assim nada. Eu só cheguei a conclusão que Mesquita precisava da emancipação por esse ato de eu acompanhar os IPTU que eram levados e naturalmente eu não sei o total, mas retornava muito pouco pra Mesquita.

**(FATIMA)** – E ,e hoje né, hoje a cidade já está emancipada, já tem mais ou menos uns, vai fazer cinco anos né, foi 99, 99, 2004, 99, vai fazer cinco anos de emancipação né já? Então, o que que a

senhora tá achando, né, das expectativas que vocês tinham né de, da emancipação de Mesquita e hoje?

(CONCEIÇÃO) – Acho que é como uma criança, ela nasce, tem que ser dirigida, bem controlada. Assim tá crescendo Mesquita, assim tá sendo em Mesquita, precisa se aprimorar muito mais, porque tem muitas, muitos órgãos que tão com uma dependência que não deveria ter, mas com tudo tá melhorando.

(FATIMA) – Dona Conceição, a senhora gostaria de falar mais alguma coisa? A senhora teria alguém do seu conhecimento que participou desse processo, que seria interessante a gente conversar com essa pessoa?

(CONCEIÇÃO) – Olha eu no momento assim só lembrando eu acho que temos o (silêncio) eu chamo assim sabe é Mamede(silêncio) , temos o Roberto Ferreira, temos um professor também que é do aqui do Evolução que é o Professor, Professor Jefferson. E temos outros também que naturalmente não se negariam, negariam em falar em Mesquita porque lutaram muito por isso. E temos também algumas mulheres, porque não? Raimunda de Holanda, nós temos também a Cássia Valéria e outras pessoas também que no momento.

(FATIMA) – Tá bom então Dona Conceição, nós queremos agradecer a sua conversa tá bom.

(CONCEIÇÃO) – Tá bom (sussurrando).

(FATIMA) – Pode. Faz de conta que a senhora não está escutando não.

(CONCEIÇÃO) – Eu acredito que 100% desses moradores que eram contra, eles tinham benfeitorias. A gente quando morava aqui, tudo morava, tudo vivia na dificuldade, aí ouve aquele naturalmente aquele o que concordava e o que não concordava. Nós eram os sacrificados, eles não eram tão sacrificados, então por isso que acho que houve essa discórdia entre não querer e querer.

(FATIMA) – Então quer dizer que o pessoal do K11, a senhora acha que tinha uma associação ali?

(CONCEIÇÃO) – Tem, ali tinha sim. Eu vi eles bem com a mão no (...), inclusive eu não sei aonde é como anda, mas eles na época da emancipação eles abriam um processo que eles não queriam de espécie alguma ser dependente de Mesquita. Apesar da área deles pelo mapa tá que eles pertenciam à Mesquita, eles queriam pertencer. Eles abriram na época esse, esse documento pra ficar em Mesquita, lá em Nova Iguaçu, pra não pertencer à Mesquita.

(FATIMA) – A senhora lembra de alguém que participava daquela associação?

(CONCEIÇÃO) – No momento não.

(FATIMA) – É, se a senhora lembrar a senhora liga pra mim

(CONCEIÇÃO) – Ah, se eu lembrar eu ligo pra você, eui falo. E até você me despertou que agora eu vou procurar assim me interessar mais em saber quem totalmente contra pra ver se eu te ajudo um pouquinho.

(FATIMA) – Tá, tá bom.

(CONCEIÇÃO) – Tá bom.

(CONCEIÇÃO) – O Velho Amaral já tá com uma idade bem avançada, mas ele tem uma luta, uma garra, ele quer ver Mesquita melhor. Mas infelizmente ele faleceu antes da emancipação. Ele não viu o progresso, mas lutou muito, trabalhou muito. Existe uma tia dele, eu é acho que é Cristina o nome dela, ela ainda existe, eu vejo ela sempre aqui em Mesquita.

(FATIMA) – E ela acompanhou, ela acompanhou também essa abaixo da emancipação?

(CONCEIÇÃO) – Acompanhou, ela que ia com ele porque ele já estava muito idoso, ela ia com o (...) tá?

(FATIMA) – Vou procurar a Cristina.

(CONCEIÇÃO) – É Cristina sim. É Cristina.

(FATIMA) - Tá Bom.

(CONCEIÇÃO) – Tá, aí você procura que ela também vai ter dar muito, ela deve ter muito mais conteúdo, não é? Porque ela acompanhava o pai.

(FATIMA) – Tá certo, é. Aqui ó.

(FATIMA) – Conceição, fala um pouquinho hoje dessas suas atividades, dessas suas atividades? Hoje em que que a senhora participa?

(CONCEIÇÃO) – Ah, é incrível mas eu tenho que relembrar novamente, que quem me botou nessas lutas todas foi meu marido, eu fiquei tão empolgada de ver como ele defendia, como ele reinvidicava que acabei também me entrosando junto e assumindo algumas lutas da nossa comunidade. Eu, eu sou católica, eu sou católica apostólica romana, e desde 1964 que eu sou praticante na Igreja assumindo alguns cargos. Eu já fui do grupo do apostolado de oração, eu já fui da coordenação, eu já fui do Conselheiro, participei também, eu participei também da , de alguns grupos de perseverança, eu fui muitos anos coordenadora da Pastoral do Batismo e agora ultimamente eu to pertencendo a um grupo que é o, a um grupo que Pastoral da Esperança.

(FATIMA) – E como é que é o trabalho desse grupo?

(CONCEIÇÃO) – Ah, é levar carinho, é levar conforto, aquele pessoal que a gente sabe que já não tá mais aqui com a gente, mas os familiares precisam ser novamente reerguido para seguir a vida. Eu faço este trabalho quando tô com tempo lá no Jardim da Saudade, porque existe uma escala de pessoas, e eu to sempre incluída lá algumas vezes na semana, e algumas vezes eu vou também que eu não to nem escalada, mas são pessoas conhecidas, então eu gosto de, de tá lá pra poder dar um confortozinho para a família que quem ainda tem que continuar lutando aqui nessa vida. Também fui presidente da Associação dos Moradores, Associação que é o qual que eu tenho muito carinho que é a Âncora, e nessa Âncora que eu consegui tirar todos os meus bloqueios e eu consegui trabalhar, eu consegui ir atrás das autoridades, eu consegui tudo que era possível dentro das dificuldades em Mesquita. Nessa época nós lutamos pra fazer um Posto lá ,(....), conseguimos fazer com grande apoio também na época da, da Caritas e um grupo muito forte que era o nosso Associação. Todos os predicados trabalhavam e finalmente fizemos esse posto de saúde e deixamos funcionando, funciona até hoje. Temos também a luta aqui do CIEP que foi uma luta da Associação

dos Moradores ao qual nós tivemos muito que trabalhar com as autoridades para que fosse concluída esta obra. Tivemos também uma luta muito grande pra , pra poder fazer a, essa, essa passarela aqui da Liaceia(?) porque antes havia muitos acidentes em cima da ponte porque as pessoas atravessavam, o trânsito não tinha como parar, aí através da reivindicação da Associação de Moradores, a AMPLA, também após não tão certo, mas após mais ou menos 12 anos foi construído a passarela. E hoje está ali para o bem de todos, para a tranquilidade de muito menos acidentes.

**(FATIMA)** - A senhora pode precisar um pouco o ano que a senhora foi presidente da Associação, essa época que a senhora tava mais ativa, à frente né?

**(CONCEIÇÃO)** – Olha eu recordo que o Seu, o Seu Expedito, ele foi presidente duas vezes, em dois mandatos. Logo após quando ele saiu aí ele me incentivou pra continuar as obras dele porque ele ainda tava inacabadas. Aí foi em 1900...

**(FATIMA)** - Não tem problema não.

**(CONCEIÇÃO)** – Foi aquela, foi a época daquele pessoal que tava naquela luta aqui da dengue aqui em Nova Iguaçu.

**(FATIMA)** - Da dengue?

**(CONCEIÇÃO)** – É, a Caritas tava ali ativa com a gente.

**(FATIMA)** - 85, 85, por aí? Antes ou depois?

**(CONCEIÇÃO)** – Depois.

**(FATIMA)** - Depois?

**(CONCEIÇÃO)** – É, foi depois, foi depois. Foram dois anos. Foi dois anos, foi.

**(FATIMA)** - Ah, então foi já.



(CONCEIÇÃO) – A gente fechava, via (...), agenda, aqueles movimentos, o movimento antigamente se levava muita gente.

(FATIMA) – Mas então foi antes.

(CONCEIÇÃO) – Foi antes?

(FATIMA) – Antes de 85, não foi não?

(CONCEIÇÃO) – Ah, precisamente não, eu precisava usar, eu precisava rever lá minhas carteirinhas, porque eu ainda as carteirinhas, mas me pegou desprevenida

(FATIMA) – Eu também não me lembro

(CONCEIÇÃO) – E aí tá o nosso bairro, nós conseguimos também através assim de grandes reivindicações asfaltar muitas ruas aqui em Mesquita, e fazer muro do cemitério que era assim uma preocupação muito grande de quem morava ali perto, quando chovia, tinha aquelas enxurradas e trazia pro quintal deles coisas que não deveriam. Então preocupados, mas através das nossas lutas a gente conseguiu também murar o muro de cemitério.

(FATIMA) – Então, a senhora gosta de Mesquita

(CONCEIÇÃO) – Ah, gosto. Gosto, tanto gosto que eu tenho já o meu, o meu, eu posso dizer assim, eu já tenho aonde descansar que é aqui em Mesquita. Gosto muito de Mesquita, e acho que é o lugar ideal para todas as pessoas que tencionam alguma coisa de bem pra sua família. Gosto, não tenho intenção nunca de mudar de Mesquita, e vou permanecer sempre aqui. E assim que a situação aqui em casa melhorar que é a saúde do seu Expedito estiver bem melhor, se Deus quiser, voltaremos à luta. Eu e ele, eu tô trabalhando para que os filhos também gostem, amem Mesquita do jeito que nós gostamos.